

OESA
28/10/96 A-14
GAMR0310

GARIMPO

José Paulo Lacerda



Soldados do Exército participam de exercício na área ocupada: helicópteros militares quebraram rotina da vila no fim de semana.

Vale reativa sondas em Serra Pelada

Três dos sete conjuntos de equipamentos, bloqueados pelos garimpeiros desde maio, voltaram a operar

EDSON LUIZ
Enviado especial

SERRA PELADA — A Companhia Vale do Rio Doce reativou ontem três das sete sondas de pesquisa de ouro que estavam paradas desde maio, quando os garimpeiros bloquearam o acesso aos escritórios da empresa. O trabalho foi acompanhado por soldados do Exército, por causa do temor de uma reação dos garimpeiros que disputam com a mineradora o direito de exploração da jazida de ouro de Serra Leste, perto da vila de Serra Pelada, no sul do Pará.

Na próxima semana, a Polícia Militar vai enviar entre 60 e 80 homens ao garimpo para substituir os 63 agentes federais que ocuparam a região junto com o Exército, na quinta-feira. A PM deixou a região em abril, depois que dezenas de seus soldados se envolveram no massacre de 19 agricultores sem-terra em Eldorado do Carajás. Segundo o delegado Adolfo Machado Roquel, a Polícia Federal manterá seus agentes na área por mais alguns dias para tentar fazer uma aproximação dos garimpeiros com a polícia paraense.

Calmaria — O clima em Serra Pelada é de tranqüilidade, apesar da ativação das sondas. O movimento maior, ontem, era em volta do pau-da-mentira, uma grande árvore sob a qual os garimpeiros contavam suas façanhas e que agora se transformou no pau-das-lamentações, pois é o local em que todos discutem o impasse com a Vale do Rio Doce e o provável fim do garimpo. As conversas só eram interrompidas quando o helicóptero do Exército fazia vôos rasantes durante um exercício de deslocamento de tropas.

A ocupação do garimpo não tem dado muito trabalho à Polícia Federal. "Só estamos administrando as disputas por terrenos e as brigas de marido e mulher", contou o delegado Machado. Os agentes federais também dão segurança aos funcionários da Vale que trabalham nas proximidades do "garimpinho" — mina aberta pelos garimpeiros perto da vila —, mas não foi registrado nenhum incidente.

Conciliação — No sábado, a PF foi chamada para negociar uma solução para o caso do garimpeiro que abriu um buraco de 13 metros na estrada que dá acesso a uma das sondas. "Não posso abandonar esse buraco, gastei muito dinheiro nele e ainda não achei ouro", disse Adelson Viana dos Santos, fazendo um apelo aos policiais para que lhe permitissem ficar. A Vale do Rio Doce decidiu desviar a estrada para evitar confronto com o garimpeiro solitário.

O único temor das autoridades é o risco de volta, após a saída do Exército e da PF, dos garimpeiros procurados pela Justiça sob acusação de manter funcionários da Vale em cárcere privado, de cobrança ilegal de pedágio e de destruição de equipamentos da companhia. "A Polícia Militar terá de ficar atenta a isso", observou o general Adalberto Bueno da Cruz, acrescentando que os garimpeiros que estão em Serra Pelada podem ser incitados à violência por líderes que estão foragidos.



Operários da Vale do Rio Doce operam sonda: volta ao trabalho

Moradores da 'cidade do ouro' têm futuro incerto

Aventureiros lamentam riqueza perdida e aguardam indenização prometida pela Vale

SERRA PELADA — O pau-da-mentira já não é mais o mesmo. Há muito tempo deixou de ser o local onde os garimpeiros contavam o quanto tinham conseguido de ouro nos inúmeros paredões do garimpo. Hoje tornou-se o pau-das-lamentações, onde todos vão lembrar do passado e pensar no futuro incerto. Serra Pelada hoje não passa de um dos milhares de lugares perdidos na Amazônia. O ouro não existe mais, em seu lugar ficou muita confusão, incerteza e miséria.

O pau-da-mentira é uma grande árvore localizada no meio da vila de Serra Pelada, onde milhares de garimpeiros se acotovelaram para ver a ex-chacrete Rita Cadillac e a desconhecida cantora Pepita de Ouro. Hoje é o local onde algumas centenas deles se reúnem em assembleias. Suas raízes se espalham pela rua estreita e suja que corta o povoado. Ao seu redor sempre há um grupo de pessoas conversando sobre um único assunto:

ouro.

O ouro que existe hoje em Serra Pelada será explorado pela Companhia Vale do Rio Doce. Mas os quase 6 mil garimpeiros ainda sonham com riqueza, como Edson Basílio Mendonça, ex-soldado da Força de Paz da Organização das Nações Unidas (ONU). Depois de voltar do Canal de Suez, Edson havia comprado muitos bens em São Paulo. "Tinha seis carros bons, uma casa e um apartamento que seriam para meus filhos", conta. Hoje, ele anda de bicicleta, maltrapilha e sem família. "Tudo que tinha vindo para vir para cá e não consegui nada", lamenta. Edson

espera apenas que a Vale aumente a indenização que se propõe a pagar para os garimpeiros da região, de R\$ 6 mil, para ir embora.

Aldemir Souza dos Santos tem um armazém logo na entrada do garimpo. O comerciante já foi um dos mais prósperos de Serra Pelada. Em seu frigorífico, eram mortos cem bois por dia. "Hoje, só abatemos dois, pois ninguém tem dinheiro", lamenta. Se em 1980, quando nasceu Serra Pelada, alguns garimpeiros saíam de avião com sacos de dinheiro, hoje imploram por uma garrafa de cachaça. (E.L.)

EM VOLTA DE ÁRVORE, GRUPO RECORDA VELHOS TEMPOS

Todos ainda sonham com grandes fortunas

Enquanto o impasse continua, garimpeiros esperam achar ouro ou lucrar com indenização

No auge da corrida do ouro, Serra Pelada tinha de tudo. Até cinema. "O pessoal só gostava de assistir filmes de sexo e caratê", conta o dono do cinema José Alves dos Santos. O projetor hoje está no fundo de sua casa, coberto de teias de aranha como o Bordel de Ceará, um dos mais frequentados de Serra Pelada na época do ouro.

Apesar da decadência, todos ainda sonham com grandes fortunas. Seja na exploração do ouro ou pela indenização da Vale do Rio Doce. "Para vender meu barraco, quero R\$ 1 milhão", diz Raimundo Nonato da Silva. "Não saio por menos", completa. Enquanto o impasse permanece, eles tentam tirar alguma coisa do garimpinho, a cratera do tamanho de um prédio de três andares.

Ao lado, ainda majestosa, está Serra Pelada. Bem diferente dos anos 80, quando o garimpeiro conhecido por todos apenas como Índio descobriu uma pedra de ouro de quase 130 quilos. Ele virou capa de revista, alugava aviões para ver namoradas no Rio de Janeiro e teve uma vida de rei. Hoje, é um dos inúmeros pés-inchados que rodam pelos botequins.

José Barbosa de Carvalho, hoje com 56 anos, chegou dois dias depois da descoberta de Serra Pelada, em 1980. Trouxe a família e chegou a conseguir 10 quilos de ouro. Sem uma das pernas, amputada depois de um acidente, ele escreve cartas para o programa de televisão de Sílvia Santos, tentando conseguir uma perna mecânica.

Poucos garimpeiros querem deixar Serra Pelada para se transformar em um dos 3 mil empregados que a Vale do Rio Doce pretende contratar durante a execução do projeto Matriz Social. A empresa oferece, além da indenização pelo barraco, uma casa em Curionópolis.

"Qual a diferença entre passar fome aqui ou lá?", pergunta Antônio de Oliveira, que está há 16 anos no garimpo. A esperança que resta à população de Serra Pelada, hoje não mais formada por aventureiros em busca de ouro, mas por grandes famílias, é que a Justiça derrube uma ação de reintegração de posse ganha pela Vale.

Na próxima semana, todas as quatro associações vão recorrer aos tribunais. "Saio daqui e vou para outro garimpo, mas antes de morrer quero ter uma pedra bem grande", afirma o garimpeiro Silva. (E.L.)